

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED

Erika Campos de Lima

**PEDAGOGIA WALDORF PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO  
ESPECTRO AUTISTA (TEA):  
INFINITAS POSSIBILIDADES DE EDUCAR**

Uberlândia - MG  
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED

Erika Campos de Lima

**PEDAGOGIA WALDORF PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO  
AUTISTA (TEA):  
INFINITAS POSSIBILIDADES DE EDUCAR**

Memorial apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a elaboração da Monografia do curso de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Viviane Prado Buiatti.

Uberlândia –MG

2021

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de me formar em uma área que tenho muito amor, admiração e apreço.

Agradeço ainda ao meu esposo que me acompanhou e apoiou nos momentos de sobrecarga.

Aos meus pais que nunca me desampararam.

E agradeço aos meus filhos que são minha inspiração e motivo de ter chegado até aqui.

## Resumo

A Pedagogia Waldorf foi criada pelo filósofo, educador e artista austríaco Rudolf Steiner (1861-1925). A linha pedagógica desenvolvida por Steiner é aplicada em escolas específicas, que atualmente são mais de 200 espalhadas pelo Brasil. As atividades realizadas nas escolas Waldorf partem de uma visão antropológica, que vê o homem como um conjunto harmônico que abrange três dimensões: Físico, anímico e espiritual. Steiner desenvolveu um método científico alinhado a uma ciência espiritual chamada Antroposofia (Anthroposophia), sendo que “ANTHROPOS” significa homem e “SOPHIA” significa sabedoria /conhecimento da ideia divina, que só pode ser observada com a alma.

Neste sentido, as práticas educativas da Pedagogia de Steiner visam o desenvolvimento do aluno de forma integral, ou seja, associação de habilidades corporais, cognitivas e emocionais. Considerando as vantagens da linha de pensamento da Pedagogia Waldorf, o presente trabalho apresenta a aplicação dessa pedagogia em alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O TEA é caracterizado por sinais e sintomas geralmente relacionados à comunicação, interação social, interesses específicos e movimentos repetitivos. Os alunos com TEA apresentam alguns déficits que na maioria das vezes requerem maior atenção do discente no processo de alfabetização e letramento.

Para a construção deste trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica no período de 2015 a 2021. Os dados foram categorizados para análise, em cinco itens. O primeiro, uma dissertação de mestrado de SHIBUKAWA, Priscila Hikaru (2020) item intitulou-se : “Vestindo os óculos da pedagogia Waldorf: Inclusão, alfabetização e transtorno do espectro autista”, descreve o processo de inclusão de alfabetização nos moldes da antroposofia. A segunda pesquisa, intitulada de “As contribuições da Pedagogia Waldorf no atendimento a diversidade e na valorização das diferenças” de GARCIA, Laura Meira (2015) enfatiza os benefícios da Pedagogia Waldorf na valorização do indivíduo. O terceiro item é uma dissertação de mestrado de FERNÁNDEZ, Sarai Sánchez de León (2019) denominada “**Concepção de avaliação da Pedagogia Waldorf: Contribuições para a construção de espaços inclusivos**” aborda a importância da avaliação nas escolas Waldorf”. A quarta fonte de pesquisa é um artigo chamado “A inclusão na pedagogia Waldorf” em que NERI, Beatriz Martins; COELHO, Irene da Silva (2018) que descreve a metodologia utilizada no processo de inclusão nas

escolas Waldorf. Na quinta pesquisa, intitulada “Educação e ludicidade: um diálogo com a Pedagogia Waldorf” SILVA, Dulciene Anjos de Andrade (2015) traz uma abordagem lúdica ao processo educacional Waldorf.

Constatou-se nas pesquisas que a metodologia utilizada na Pedagogia Waldorf favorece o desenvolvimento integral da criança com TEA, pois busca valorizar as múltiplas inteligências do indivíduo. Considerando as demandas apresentadas por um aluno com autismo, é certo dizer que a pedagogia proposta por Rudolf Steiner oferece oportunidades significativas de aprendizado e desenvolvimento pedagógico e humano a esse público específico.

**Palavras chave:**Waldorf, Rudolf Steiner, Antroposofia, Transtorno, Espectro, Autista, TEA.

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. Memorial.....	9
3. Metodologia.....	11
4. Análise dos dados.....	13
4.1. Transtorno do Espectro Autista (TEA): história e características .....	13
4.2. Sobre a pedagogia Waldorf e o atendimento a pessoas com TEA.....	15
5. Considerações finais.....	28
6. Referências .....	30

## 1. Introdução

Este estudo refere-se a Pedagogia Waldorf foi criada pelo filósofo, educador e artista austríaco Rudolf Steiner (1861-1925). A linha pedagógica desenvolvida por Steiner é aplicada em escolas específicas, cujas práticas educativas visam o desenvolvimento integral do aluno. Pretende-se fazer uma intrerlocução desta abordagem ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) para investigar os benefícios desta teoria com esta população.

A Pedagogia Waldorf, foi criada por Rudolf Steiner, em 1919, na Alemanha, desde então, contou com práticas inclusivas na Educação Infantil. Foi realizado um estudo bibliográfico em repositórios que comprovam a validade da inclusão na Pedagogia Waldorf.

Em 2002, a American Psychiatric Association – DSM-IV-TR classifica clinicamente o “Transtorno do Espectro Autista” como um dos TGD, caracterizando-o por “presença de um desenvolvimento comprometido ou acentuadamente anormal da interação social e da comunicação e um repertório muito restrito de atividades e interesses”. De acordo com essa perspectiva, o autismo pode tanto aparecer isoladamente quanto vinculado a outras condições clínicas, como por exemplo: acidose láctica; distrofia muscular progressiva de Duchene; epilepsia; deficiências auditivas; esclerose tuberosa; sequência de Moebius; Síndrome do X-frágil; e problemas pré e perinatais. O TEA é caracterizado por sinais e sintomas geralmente relacionados à comunicação, interação social, interesses específicos e movimentos repetitivos. Os alunos com TEA apresentam alguns déficits que na maioria das vezes requerem uma atenção maior do discente no processo de alfabetização e letramento.

O processo de alfabetização e letramento no contexto da Pedagogia Waldorf está atrelado à antroposofia, e vislumbra a educação de cada ser humano de forma integral e individual, propiciando conhecimentos para a vida em sociedade, levando o aluno a comunicar-se e expressar-se de maneira crítica e autônoma. A linha de pensamento seguida pela Pedagogia Waldorf entende que, sob a correta ação pedagógica e atenção a individualidade do ser, qualquer indivíduo, independentemente de sua deficiência, pode se desenvolver. Neste sentido, as escolas Waldorf apresentam um ambiente propício à evolução da criança com TEA.

Apesar das políticas públicas terem avançado na direção da Inclusão Social (CAPELLINI; RODRIGUES, 2009), ainda predominam nas escolas metodologias

tradicionais, que veem os alunos de maneira homogênea, considerando que todos aprendam da mesma forma, sob as mesmas condições. Imbricado a isso, o processo de alfabetização e letramento na perspectiva da Pedagogia Waldorf tem tido limitada ênfase nos meios acadêmicos, sendo visto apenas superficialmente quando citado. Atrelado à antroposofia, esse processo na Pedagogia Waldorf vislumbra a educação de cada ser humano, com sua individualidade, para a vida em sociedade, apresenta-se como um meio para que os alunos consigam comunicar-se e expressar-se de maneira crítica e autônoma, sendo capazes de compreender a sua realidade e transformá-la.

Cada ser carrega consigo experiências e habilidades diferentes que são levadas para o processo de alfabetização e letramento e alguns precisam de estímulos e auxílios diferenciados. Entretanto, percebe-se que a legislação, as políticas públicas brasileiras e os discursos inclusivos que permeiam os meios escolares ainda são muito ineficientes e não garantem na prática a assistência adequada ao aluno autista.

Já a Pedagogia Waldorf carrega uma prática diferenciada e permite que a inclusão de fato aconteça, pois, a criança não é forçada a alfabetização, não existe “pular etapa”, são 7 anos com atividades de autoconhecimento e ludicidade que contribuem positivamente para o aprendizado da criança autista. Além disso, o trabalho em épocas possibilita a abordagem profunda de cada conteúdo, respeitando o tempo de cada criança, de acordo com as descobertas e com o caminho que está sendo traçado. Outro ponto positivo na Pedagogia Waldorf é a continuidade do processo de ensino-aprendizagem, em que o professor de classe tem a oportunidade de acompanhar por oito anos os alunos, e estes o recebem-no como uma autoridade amada.

Apesar do grande potencial para a inclusão presente nos princípios básicos que a regem, este ainda precisa ser mais bem explorado (GARCIA, 2015) e academicamente investigado, uma vez que há escassas pesquisas sobre o assunto (BARTH, 2008). Essa escassez, identificada por Barth na Europa, se estende do mesmo modo ao contexto brasileiro, conforme descrito na pesquisa no banco de dados de plataformas nacionais e internacionais. Associado a isso, pesquisas (CAPELLINI, 2004; OMOTE, 2008) apontam a necessidade de se investigar a inclusão escolar e o desempenho acadêmico desses alunos.

Além disso, no entanto, parece que toda a organização da Escola Waldorf atende de maneira especial às necessidades da criança com deficiência. Na escola Waldorf há, por exemplo, a aula de época. É um formato de aula, em que uma disciplina – resumidamente – será ensinada cada dia durante duas horas, durante várias semanas, antes que uma outra disciplina passe a ser ensinada no lugar desse conteúdo,

e ganhe o foco dessa aula. Nesse formato de aula de época, nessa concepção de aula, a criança com deficiência encontra a possibilidade de se concentrar, ela tem a possibilidade – utilizo aqui o nome de um livro dos últimos anos – da ‘lentidão para descobrir’ (BAHMANN, 1997 apud GARCIA, 2015, p. 47).

Imbricado a esta questão, Steiner acreditava que sob a correta ação pedagógica, todo indivíduo pode se desenvolver independentemente de suas deficiências, mas para isso o professor precisa zelar pelo desenvolvimento individual de cada um de seus alunos (LANZ, 2013). Dessa forma, a Pedagogia Waldorf demonstra ser uma aliada à educação inclusiva, considerando cada aluno com suas especificidades e potencializando a aprendizagem.

Nesta perspectiva, este trabalho tem como objetivo geral : Compreender a abordagem da Pedagogia Waldorf e sua aplicabilidade no contexto educacional e no trabalho com pessoas com TEA e como objetivos específicos: Analisar a abordagem da Pedagogia Waldorf e identificar como a Pedagogia Waldorf pode ser aplicada na educação de alunos com TEA.

## **2. Memorial**

Para dar início a este trabalho, devo retornar ao caminho que me trouxe até aqui e me fez vislumbrar uma gota de esperança no contexto da educação especial. Nasci e cresci em Uberaba, interior de Minas Gerais. Sou casada e mãe de duas crianças. Sempre quis formar uma família, mas também sempre gostei de estudar e aprender coisas úteis. Comecei a trabalhar cedo e por isso precisei frequentar a Educação de Jovens e Adultos (EJA) para finalizar o ensino médio, concluindo o 3º ano em 2007. Cursar uma faculdade para mim era uma incógnita, pois sempre me identifiquei com a área de humanas, mas não sabia ao certo o que eu queria ser. Em 2015, quando comecei a trabalhar em uma escola de educação infantil, me senti interessada em seguir carreira de professora. Em 2017 cursei o Curso Normal de Nível Médio, com habilitação para lecionar na Educação Infantil. Mesmo não exercendo a profissão, em 2018 eu resolvi cursar Pedagogia, pois já estava certa que eu queria.

Quando iniciei meus estudos na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), tinha convicção do caminho que eu iria percorrer e aonde ele iria me levar. Eu demorei quase 30 anos para escolher um curso de graduação e a minha escolha pela pedagogia se deu por indignação e revolta. Isso mesmo! Eu tenho um filho de 12 anos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e os traumas que eu e ele sofremos dentro de instituições educacionais foram o meu combustível para tentar fazer a diferença (Como

disse, me sinto pertencida a área de humanas). Quando vivenciamos uma situação, quando “sentimos na pele”, ela passa a fazer parte de nós, da nossa história! Hoje sou grata e extremamente feliz por todos os obstáculos enfrentados e vencidos dentro das escolas.

Esses desafios me fizeram temer pelos alunos e famílias que não tem a mesma estrutura familiar, educacional e emocional que eu tenho, então obviamente, eu me senti e sinto na obrigação de ajudá-los. Mas para isso, precisei me ingressar em uma universidade para dar legalidade ao trabalho que pretendo realizar. Cursar uma graduação mexe com vários aspectos da nossa vida. Tenho gratidão por estudar e aprender a cada dia. Vejo no curso de pedagogia a oportunidade de legalização de uma profissão. Eu cresci bastante nos quase quatro anos de curso, mas as ideias e expectativas mudaram. Minha maior motivação para trabalhar na área da educação é o amor. Eu gosto do caminho que estou seguindo, não poderia ter escolhido uma graduação que melhor me definisse, mas não gosto da ideia de definir pessoas pela sua graduação e esse tem sido meu maior desafio em continuar o curso.

Eu sei que no mundo em que vivemos as pessoas ainda valorizam o diploma em detrimento da sabedoria e isso me entristece profundamente, pois sabemos que em todas as áreas existem muitos intelectuais de coração vazio. Neste sentido, devo dizer que meu maior desafio realmente é me submeter a necessidade de ter um diploma para ter respeito. Mas tudo bem, o amor e a esperança de uma educação melhor sempre me faz superar e seguir firme todos os dias. Não posso, porém, dizer que uma formação é perda de tempo. A gente aprende coisas para a vida. Os temas e conteúdos nos levam a diversas reflexões. Eu gosto de pensar e refletir, por exemplo, sobre a história da educação no Brasil e tudo que aconteceu para que a educação escolar fosse possível a todos.

Quando penso na história, consigo vislumbrar os ganhos que todos tivemos ao longo do tempo, principalmente no tocante a escola pública. Se olharmos com atenção, veremos o quanto evoluímos e o quanto a educação escolar está melhor e mais acessível nos dias de hoje. Apesar de ainda existir lamentáveis falhas na educação brasileira, eu acredito que com o advento da escola pública, tudo melhorou. Percebo, por meio da análise da história, que os governos de alguma forma trabalharam para que a escolarização para todos fosse possível. Mesmo com vícios, as políticas públicas possibilitaram o acesso de muitas pessoas à educação formal, isso é bom. Fico feliz em poder chegar até aqui, a história mostra que muitas pessoas lutaram para que essa

realidade pudesse um dia acontecer. Talvez não aconteça da forma que esperamos, mas ainda assim, não deixa de ser um ganho que muitos dos nossos antepassados sonharam por nós.

Quando se fala em um curso de graduação, é necessário que haja uma articulação das vivências do curso com a prática profissional. E isso também é um desafio, pois assim como em vários cursos, a teoria “engessada” e embasada em padrões ultrapassados acaba se destoando e muito da realidade. A verdade é que o professor e o pedagogo passam os dias em busca soluções para problemas reais que não se vê na teoria da faculdade. Por exemplo, por mais que seja importante estudar sobre os teóricos e suas teorias, quando se está na sala de aula os problemas são outros, são problemas que não foram descritos pelos teóricos ou se foram, com certeza não trouxeram uma solução individualizada para cada aluno, isto porque na prática, um professor com trinta alunos, precisa encontrar trinta soluções diferentes. Desta forma, articular as vivências do curso com a prática profissional realmente é um grande desafio.

Mas, para todo desafio existem possíveis soluções. Muitos de nós temos o hábito de buscar culpados. Grande erro! É preciso buscar soluções de preferência dentro de nós, pois a educação abrange dimensões bem maiores que a escolarização. É necessário compreender que desde que nascemos estamos sendo educados e não é preciso fazer faculdade para educar um bebê, para mostrar a ele o melhor caminho, para auxiliá-lo em suas necessidades básicas. Para educar é preciso amar, pode parecer clichê, mas quando a gente entende que educação é diferente de escolarização a gente aceita que o princípio norteador da educação é o amor e não um título de graduação. Neste sentido, nesta busca por soluções e não por culpados, entendo que a educação precisa estar presente no processo de escolarização. É preciso ser educado para educar. É preciso saber amar para educar. Por isso, escolhi abordar a Pedagogia Waldorf, que antes de qualquer coisa preza pelo bem-estar físico, mental e espiritual da criança e somente aos sete anos, depois de garantir esse bem-estar, inicia-se o processo de alfabetização e escolarização propriamente dito.

### **3. Metodologia da pesquisa**

A análise dos dados foi realizada partindo de pesquisas bibliográficas a fim de refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem, a didática, os materiais, a metodologia e os conteúdos aplicados. Rudolf Lanz (2013, p. 118) afirma que “os professores são a alma viva de uma escola Waldorf. Se deixam de crescer e de se desenvolver, a escola para e definha”. Coadunando com essa perspectiva, Cruz (2017, p. 167) afirma ver “na figura do

professor o alicerce da pedagogia e a continuidade das escolas Waldorf'. A partir dessas análises, busca-se responder à questão inicial: Como é realizada a inclusão de uma criança com TEA no contexto da Pedagogia Waldorf? A metodologia da Pedagogia Waldorf pode auxiliar o processo de alfabetização e letramento?

A pesquisa bibliográfica consiste na etapa inicial deste trabalho e tem por objetivo reunir as informações e dados que servirão de base para a construção da presente investigação. Foram selecionados cinco trabalhos entre artigos científicos, dissertações de mestrado e trabalho de conclusão de curso no período entre 2015 a 2020, conforme tabela a seguir:

**Tabela 1: Pesquisa bibliográfica**

Nº	TÍTULO	REFERÊNCIA	TEMA
01	Vestindo os óculos da pedagogia waldorf: inclusão, alfabetização e transtorno do espectro autista	SHIBUKAWA, Priscila Hikaru. <b>Vestindo os óculos da Pedagogia Waldorf: Inclusão, alfabetização e Transtorno do Espectro Autista.</b> Dissertação de mestrado - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2020. Disponível em:< <a href="http://hdl.handle.net/11449/192144">http://hdl.handle.net/11449/192144</a> >. Acesso em: 10 jun. 2021>.	Inclusão, alfabetização e autismo em escolas Waldorf
02	As contribuições da Pedagogia Waldorf no atendimento a diversidade e na valorização das diferenças	GARCIA, Laura Meira. <b>As contribuições da Pedagogia Waldorf no atendimento a diversidade e na valorização das diferenças.</b> 2015. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, 2015. Disponível em: < <a href="http://hdl.handle.net/11449/139075">http://hdl.handle.net/11449/139075</a> >. Acesso em: 10 jun. 2021>.	Inclusão de alunos com deficiências em escolas Waldorf
03	Concepção de avaliação da pedagogia Waldorf: contribuições para a construção	FERNÁNDEZ, Sarai	Espaços inclusivos em

	de espaços inclusivos	Sánchez de León. <b>Concepção de avaliação da Pedagogia Waldorf:</b> Contribuições para a construção de espaços inclusivos. Dissertação de Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul, 2019. Disponível em: < <a href="https://repositorio.ucs.br/1338/5132">https://repositorio.ucs.br/1338/5132</a> >. Acesso em 10 jun. 2021.	escolas Waldorf
04	A inclusão na pedagogia waldorf	NERI, Beatriz Martins; COELHO, Irene da Silva. A inclusão na pedagogia Waldorf. Unisanta – <b>Humanitas</b> 2018. Disponível em: < <a href="https://periodicos.unisanta.br/index.php/hum/article/view/1683">https://periodicos.unisanta.br/index.php/hum/article/view/1683</a> >. Acesso: 10 jun. 2021.	A inclusão na pedagogia Waldorf
05	Educação e ludicidade: um diálogo com a Pedagogia Waldorf	SILVA, Dulciene Anjos de Andrade. Educação e ludicidade: Um diálogo com a Pedagogia Waldorf: Educar em Revista, Setor de Educação - Campus Rebouças – UFPR (2015). Disponível em: < <a href="https://www.scielo.br/j/er/a/9BdKcJfZZFSM9KkkwTFc6yD/?lang=pt">https://www.scielo.br/j/er/a/9BdKcJfZZFSM9KkkwTFc6yD/?lang=pt</a> >. Acesso em 10 jun. 2021.	Educação e ludicidade

#### 4. Análise dos dados

##### 4.1-Transtorno do Espectro Autista (TEA): história e características

O Transtorno do Espectro Autista é um Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD) caracterizado por sinais e sintomas geralmente relacionados à comunicação, interação social, interesses específicos e movimentos repetitivos. Os alunos com TEA apresentam alguns déficits que na maioria das vezes requerem uma atenção maior do discente no processo de alfabetização e letramento. Leo Kanner (1943) foi o primeiro a

relatar o autismo infantil. Em 1943, descreveu um grupo de 11 crianças que apresentavam um quadro clínico semelhante, em que o principal distúrbio era a incapacidade de se relacionar com as outras pessoas” (GAUDERER, 1993, p.06).

<sup>1</sup>A princípio Kanner descreveu o autismo como “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”, caracterizado por “autismo extremo, obsessividade, estereotípias e ecolalia”. A partir daí vários termos foram utilizados para definir o autismo em crianças, inclusive “Esquizofrenia Infantil”, que era vista como como um “Pseudo-Retardo”, devido ao fato de que as crianças não conseguiam realizar tarefas sociais e desenvolver linguagem adequada a idade (GAUDERER, 1997, p. 06).

Apenas um ano depois, em 1944, em seu livro “A psicopatía autista na infância”, Hans Asperger descreveu os casos de várias crianças vistas e atendidas na Clínica Pediátrica Universitária de Viena. Este não conhecia o trabalho de Kanner e “descobriu” o autismo de modo independente. As descrições do autismo feitas por Asperger foram publicadas em alemão. Apesar das definições e pesquisas sobre o autismo, sua causa ainda é desconhecida. Entretanto, pesquisadores como Gupta e State (2006) apontam que “o autismo e os transtornos do espectro do autismo possuem as mais fortes evidências de terem bases genéticas”. Outras possíveis causas seriam decorrentes do fato de que:

[...] o autismo está associado a doenças viróticas, visto que tem sido descrito em pacientes portadores de rubéola congênita, encefalite, sarampo e infecção pelo vírus de inclusão citomegálica (a última envolve estruturas cerebrais profundas, como as dos gânglios de base). Distúrbio cardiorrespiratório perinatal é outra causa possível. A hipoxia pode ocasionar dano a áreas cerebrais específicas (incluindo os gânglios basais), sendo as áreas atingidas diferentes das afetadas em consequência de anoxia. É possível que, em certas circunstâncias, o dano seja menos grave que o encontrado na paralisia cerebral. Ele pode afetar estruturas nervosas tanto macro quanto microscópicas, diferentes das envolvidas na paralisia cerebral e, em seu lugar, determinar a síndrome do autismo. A perfusão insuficiente do cérebro também é uma causa a ser considerada (GAUDERER, 1985, p. 88).

Neste sentido, é possível afirmar que o diagnóstico do autismo é clínico, tendo por base o comportamento e análise do histórico que caracterizem o quadro (SCHWARTZMAN, 1995, p.32). Para melhor identificação do TEA, pode-se fazer uso das informações contidas no DSM-IV-TR (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2002). Em maio de 2013, segundo a American Psychiatric

---

<sup>1</sup> O TEA é desencadeado por fatores biopsicosociais, no entanto, o diagnóstico é clínico, pois não há exames de sangue ou imagem que detecte o autismo.

Association, o termo adotado para os alunos com autismo e outros transtornos que se enquadram nas características comportamentais do DSM-V (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013), seria: Transtornos do Espectro Autista (TEA). Pertence à categoria dos Transtornos do Neurodesenvolvimento. Assim, o TEA é definido como um distúrbio do desenvolvimento neurológico, que deve estar presente desde a infância, apresentando déficits nas dimensões sócio comunicativa e comportamental (APA, 2013).

A Organização das Nações Unidas (ONU) aponta a existência de mais de 70 milhões de pessoas com autismo no mundo, sendo mais de 2 milhões somente no Brasil. No fim da década de 80, uma a cada 500 crianças era diagnosticada com autismo. Atualmente, a taxa é aproximadamente de uma a cada 68 crianças nascidas vivas. O aumento de casos, chamou atenção da ONU (Organização das Nações Unidas), que classificou o distúrbio como uma questão de saúde pública mundial. Entretanto, os números sofrem alterações ao redor do mundo, pois a prevalência de TEA em muitos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento é até agora desconhecida.

No Brasil não há uma estimativa com números oficiais, pois ainda não existem estudos sobre a prevalência do TEA no país. Contudo, a Lei Federal nº 13.861 de 18 de julho de 2019 torna obrigatória a coleta de dados e informações sobre autismo nos censos demográficos realizados a partir de 2019. Neste sentido, o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei 13.146/15), também prevê a inclusão de dados da população com deficiências nas estatísticas, mas sem especificar o autismo.

#### **4.2- Sobre a pedagogia Waldorf e o atendimento a pessoas com TEA**

A Pedagogia Waldorf foi criada pelo filósofo, educador e artista austríaco Rudolf Steiner (1861-1925). A linha pedagógica desenvolvida por Steiner é aplicada em escolas específicas, que atualmente são mais de 200 espalhadas pelo Brasil. As atividades realizadas nas escolas Waldorf partem de uma visão antropológica, que vê o homem como um conjunto harmônico que abrange três dimensões: físico, anímico e espiritual. Steiner desenvolveu um método científico alinhado a uma ciência espiritual chamada Antroposofia (Anthroposophia), sendo que “ANTHROPOS” significa homem e “SOPHIA” significa sabedoria /conhecimento da ideia divina, que só pode ser observada com a alma. Neste sentido, as práticas educativas da Pedagogia de Steiner visam o desenvolvimento do aluno de forma integral, ou seja, associando habilidades corporais, cognitivas e emocionais.

A primeira escola Waldorf foi fundada na Alemanha em 1919, tendo como princípios a humanização da sociedade e o atendimento a todas as crianças caracterizando, portanto, a ideia central de escola inclusiva. Em meio ao final da Primeira Grande Guerra, Steiner palestrava aos operários da fábrica de cigarros Waldorf-Astoria em Stuttgart, Alemanha, sobre a importância da humanização da sociedade. Na ocasião, o proprietário da fábrica, Emil Molt, solicitou que Rudolf Steiner fundasse uma escola para os filhos de seus funcionários. Steiner aceitou a proposta, mas estabeleceu condições um tanto radicais para a época, tais como: A coeducação, a formação de doze anos, total autonomia dos professores no controle da escola e o atendimento a todas as crianças sem distinção, pois para ele, cada ser humano é único e a riqueza da humanidade é nossa diversidade (BARNES, 1991).

A linha de pensamento seguida pela Pedagogia Waldorf entende que, sob a correta ação pedagógica e atenção a individualidade do ser, qualquer indivíduo, independentemente de sua deficiência, pode se desenvolver. Neste sentido, as escolas Waldorf apresentam um ambiente propício à evolução da criança com TEA.

Shibukawa (2020) discorre sobre as práticas pedagógicas referentes à inclusão escolar de alunos com TEA, a falta de propostas especificidades para esse público, a negligência por parte dos docentes, bem como a dificuldade de comunicação com os alunos com TEA por conta do desconhecimento das peculiaridades inerentes à deficiência deles. Tendo em vista a importância de ampliar e aprofundar os estudos na área da alfabetização e letramento de forma inclusiva nas escolas Waldorf, a autora apresenta uma pesquisa realizada com 8 alunos, sendo um deles portador do TEA. Ao final do estudo, foi criado um livro ilustrado, paradidático, para crianças em fase inicial de alfabetização.

Todo aluno tem direito a uma educação inclusiva e de qualidade e isto inclui o acesso a conteúdos que visem o desenvolvimento acadêmico e pessoal, bem como a apropriação do sistema da linguagem escrita e alfabetização.

Atualmente, parece que de novo estamos enfrentando um desses momentos de mudança – é o que denuncia o questionamento a que vêm sendo submetidos os quadros conceituais e as práticas deles decorrentes que prevaleceram na área da alfabetização nas últimas três décadas: pesquisas que vêm identificando problemas nos processos e resultados da alfabetização de crianças no contexto escolar, insatisfações e inseguranças entre alfabetizadores, perplexidade do poder público e da população diante da persistência do fracasso da escola em alfabetizar, evidenciada por avaliações nacionais e estaduais, vêm provocando críticas e motivando propostas de reexame das teorias e práticas atuais de alfabetização. Um momento como este

é, sem dúvida, desafiador, porque estimula a revisão dos caminhos já trilhados e a busca de novos caminhos, mas é também ameaçador, porque pode conduzir a uma rejeição simplista dos caminhos trilhados e a propostas de solução que representem desvios para indesejáveis descaminhos (SOARES, 2004, p. 01).

Existe ainda uma grande confusão entre alfabetização. No entanto, mesmo tendo significados diferentes, ambos são importantes para que o aluno consiga se familiarizar com a língua escrita e possa apropriar-se da mesma, utilizando-a de modo autônomo e crítico. Nesse sentido, Soares ressalta que

[...] é necessário também reconhecer que, embora distintos, alfabetização e de letramento são interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja: em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência e por meio da aprendizagem do sistema de escrita (SOARES, 2004, p.26).

Neste sentido, vale ressaltar que mesmo sendo diferentes, o letramento e a alfabetização estão interligados, haja vista que para ser alfabetizado de modo contextualizado com a realidade, é necessário haver a articulação entre esses dois processos. A alfabetização e letramento no contexto da Pedagogia Waldorf está atrelada à antroposofia, e vislumbra a educação de cada ser humano de forma integral e individual, propiciando conhecimentos para a vida em sociedade, levando o aluno a comunicar-se e expressar-se de maneira crítica e autônoma. Bach (2012) discorre sobre essa educação para liberdade em sua tese, em um possível diálogo entre Paulo Freire e Rudolf Steiner.

A individualidade humana não se revela a partir de enquadramentos típicos. Esse “eu” que cada ser denomina quando quer se referir a si mesmo, segundo Steiner, é uma espécie em si. Cada individualidade humana que morre é uma espécie extinta, porque o seu traçado biográfico é único, ou seja, as forças determinantes para formação do destino, os pesos e medidas nas tomadas de decisões, o que era melhor ou pior em cada e determinada situação, só pode ser avaliado em comparação com a situação específica de cada individualidade, e não em termos genéricos ou coletivos (p. 131).

Steiner (1998 p.38) enfatiza que a vida humana não decorre de forma linear, mas sim, em ciclos de sete anos. Em cada setênio é esperado o desenvolvimento de parte da formação do “Eu”. Embora a divisão em setênios possa ser observada durante a toda a vida, a educação, no sentido comum, limita-se aos primeiros 21 anos de vida, ou seja, aos três primeiros setênios. Na presente dissertação, Shibukawa (2020) aborda o primeiro e o segundo setênio, que de fato estão relacionados à pesquisa em questão. No

primeiro setênio, que vai do nascimento até os 7 anos, o que está em formação na criança é o corpo etérico. Nesta fase deve-se priorizar a vontade da criança em descobrir o mundo e se autodescobrir, pois é quando a criança absorve as sensações, as emoções o caráter e os sentimentos das pessoas que a rodeiam. É importante que neste primeiro setênio a criança possa ter contato com a natureza, possa realizar atividades lúdicas e manuais sem ter contato direto com a alfabetização.

Ora, o corpo etérico plasma nessa idade o corpo físico, formando os órgãos, criando disposições e influenciando funções metabólicas e outras. As influências que emanam do ambiente externo exercem, portanto, efeitos profundos sobre a organização física e psíquica da criança, efeitos que se farão sentir durante toda a vida futura. Essas influências exteriores abrangem desde o aspecto do quarto, com móveis e adornos, até os pensamentos e sentimentos das pessoas que lidam com a criança. Todo o clima sentimental e moral circundante atua sobre ela (LANZ, 2013, p.41).

Por volta dos 7 anos, ocorre uma libertação do corpo etérico. Com os órgãos já amadurecidos, a força existente na criança é direcionada para a construção de memórias e raciocínio. Neste segundo setênio, que vai até os 14 anos de idade, há uma exaltação corpo astral, período em que também ocorre a troca dos dentes de leite e a criança passa a desenvolver habilidades relacionadas a fantasia, emotividade, sentimento e o pensar.

A análise dos dados foi realizada partindo da prática da pesquisadora Shibukawa (2020) que buscou responder à questão inicial: Como o processo de alfabetização e letramento em uma classe com um aluno com TEA pode ocorrer de forma inclusiva? A metodologia da Pedagogia Waldorf pode auxiliar nesse processo de alfabetização e letramento?

A pesquisadora Shibukawa (2020) realizou alguns trabalhos visando a participação de todos os alunos, inclusive de Parsifal que é autista<sup>2</sup>. O Parsifal tem laudo de TEA, foi diagnosticado com 3 anos e desde então tem acompanhamento de Terapeuta Ocupacional, Fonoaudióloga, Fisioterapeuta e Psicóloga, foi matriculado na escola no ano de 2018, até essa data não havia tido contato com a Pedagogia Waldorf.

Parsifal demonstrava interesse somente por algumas atividades e, por vezes, não conseguia completa-las. Além disso, apresentava fala bastante comprometida, não

---

<sup>2</sup>O caso de Parsifal foi retirado da dissertação de mestrado de SHIBUKAWA (2020), Priscila Hikaru. **Vestindo os óculos da Pedagogia Waldorf: Inclusão, alfabetização e Transtorno do Espectro Autista**. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/192144>>. Acesso em: 10 jun. 2021>.

conseguindo expressar-se ou formular frases com coesão e coerência. Dizia palavras soltas quando precisava de algo, como ‘água’, ‘xixi’ ou ‘parque’, mas também cantarolava algumas músicas, a articulação dos movimentos para a fala mostrava-se pouco desenvolvida, prejudicando a dicção das palavras, no entanto o ritmo era bastante preciso, por isso era possível compreender a melodia. De modo auxiliar, foram produzidos e adaptados um alfabeto móvel em feltro, cartões com figuras que permitiram ao aluno com TEA associar as imagens às letras, fichas de leitura adaptadas com imagens e outros materiais adequados/adaptados conforme as necessidades do aluno Parsifal.

Iniciou-se então o processo de intervenção, a primeira época, de formas, em que os alunos vivenciaram por meio do corpo, do movimento, variações de retas e de curvas, que tinham uma imagem correspondente, alimentando a criatividade, bem como exercitando os traços que compõem as letras do alfabeto.

A cada dois dias, apresentava-se uma forma nova, que era primeiro vivenciada com o corpo. Durante a época, a professora-pesquisadora fazia a forma no chão, com giz, e os alunos passavam por cima, caminhando, pulando com os dois pés, com um pé só, de olhos fechados, entre outras variações. Às vezes as formas eram feitas na areia, na água, com colagem de folhas, tinta, pedras e galhos secos. O desenho de formas é uma atividade que visa despertar o interesse da criança pela linguagem da própria forma em si.

Para a Pedagogia Waldorf, uma vez que todas as formas que observamos, ou que executamos através de movimentos, atuam sobre o corpo etérico, que é a fonte de vitalidade e do pensar dinâmico, o desenho de formas tem uma função valiosa na educação de crianças, atuando diretamente sobre o seu corpo etérico e fortalecendo-o. (SILVA, 2010, p. 162)

Após as observações iniciais, notou-se que avanço psicomotor de Parsifal estava aquém de seu desenvolvimento cognitivo, e, apesar de ter bastante dificuldade na coordenação motora fina e na linguagem oral, ele compreendia tudo o que era dito e sentia-se frustrado por não conseguir aprender mais.

Nas escolas Waldorf, o alfabeto somente é apresentado para a criança em um contexto com imagens e destas surgem as letras. Na prática, no primeiro dia letivo do 1º ano, conta-se uma história e essa história vai sendo desenvolvida com as imagens do desenho de formas, e, posteriormente, com as imagens referentes às letras de forma maiúsculas do alfabeto, tendo em vista que as letras maiúsculas possuem em seu traçado

retas e curvas mais amplas e definidas. As vogais são as primeiras a serem apresentadas aos alunos, pois possuem sons mais anímicos, que, segundo Steiner (1996), são ligados aos sentimentos e por isso pertinentes para o momento em que os alunos se encontram, no início do segundo setênio. Coadunando com esse autor, acrescenta-se que “começar pelas vogais não é uma regra arbitrária. Elas representam os sons mais simples de nossa língua e aqueles que nos permitirão compor e compreender rimas ou aliteraões” (FREIRE, 2018, p. 57).

As escolas Waldorf contam ainda, com a contribuição da Eurytmia, que traz a essência do fonema para o movimento com o corpo e por intermédio desses gestos, auxilia as crianças a compreenderem e memorizarem as letras e seus sons. A história é contada por partes, sendo que em cada uma delas há ênfase para um som, correspondente à letra a ser trabalhada. Esse processo mantém viva a curiosidade das crianças pelo alfabeto, pois todos os dias uma novidade é mostrada e fica a expectativa para o dia seguinte, com a continuação da história. É importante ressaltar que dentro da Pedagogia Waldorf, não se faz necessário seguir a ordem convencional do alfabeto, as letras são apresentadas às crianças conforme a história vai se desenrolando com ênfase nos sons, na dicção e no desenho.

Apesar de todo o processo contar com a ludicidade, algumas dificuldades foram encontradas, uma delas foi referente à associação dos signos arbitrários com os respectivos sons. Isso porque, o processo de apresentação das letras iniciava por meio de narrativas, nesse momento, Parsifal demonstrava pouco interesse e distraía-se com facilidade, não conseguindo, portanto, acompanhar o enredo da história contada. Tendo em vista manter a atenção desse aluno, a cada letra apresentada foram elaboradas fichas, contendo os textos com a sequência das histórias das letras e as imagens correspondentes.

Ao final do processo de alfabetização e letramento, todos os alunos já conheciam todas as letras do alfabeto, sabendo nomeá-las e reconhecendo os respectivos sons, inclusive Parsifal, que conseguiu identificar as letras e ao final do primeiro ano já conseguia ler sílabas simples, no entanto ainda não havia aprimorado a motricidade fina para segurar e manter o giz enquanto escrevia. Como ele ainda não conseguia grafar as letras, foram oferecidas atividades para recortar e colar na ordem correta as palavras dos textos. A princípio eram apenas três palavras, depois aumentou-se gradualmente, até chegar no texto completo. Parsifal, apresentou um

desenvolvimento significativo na apropriação da linguagem escrita, conseguindo agora ler sílabas simples e complexas, por meio da adaptação de atividade.

O currículo das escolas Waldorf tem uma aula por semana dedicada exclusivamente à apropriação do sistema da linguagem escrita. Essas aulas consistem na leitura de um livro com versos e poesias, que são trabalhados oralmente com as crianças e abordam temas já vivenciados durante o ano letivo.

Durante a avaliação final, foi possível perceber que Parsifal conseguiu sentar-se na cadeira de forma adequada para realizar as atividades, fixando a atenção por 30 minutos com ajuda da professora. Além disso ele sentiu-se entusiasmado com a atividade e assim que chegou já queria ler o que havia feito anteriormente em seu caderno. Demonstrou também que havia conquistado a leitura de sílabas simples e das sílabas complexas trabalhadas nas aulas de reforço.

Na Pedagogia Waldorf, desenvolve-se a consciência fonológica, percorrendo o caminho do todo para as partes e das partes de volta para o todo, não se limitando apenas ao método fônico. Esse trabalho com os fonemas, ressaltando os sons das letras contribuiu para o processo de alfabetização e letramento, visto que ao associar os fonemas aos grafemas correspondentes, os alunos puderam apropriar-se do alfabeto e desenvolver a escrita com sentido e significado.

No início da pesquisa, em colaboração com a fonoaudióloga do Parsifal um quadro de rotina, que era atualizado diariamente e contava com imagens sobre todas as aulas do dia. Posteriormente, as imagens foram trocadas pelo nome das aulas. Esse recurso foi utilizado juntamente com outro material de comunicação alternativa, composto por dois espaços, formando uma frase curta: o primeiro espaço continha uma figura com as palavras “eu quero” e no segundo quadro tinha as possibilidades “banheiro”, “água”, “brincar” e “descansar”.

Em um estudo realizado por Togashi e Walter (2016) analisou-se o uso da Comunicação Alternativa e a interrelação com a inclusão escolar de alunos com TEA, levantando a questão de que a dificuldade na comunicação atua como uma das grandes parábolas em incluir indivíduos com TEA no sistema regular de ensino. Foi possível concluir que o estímulo à comunicação é essencial para o desenvolvimento social e cognitivo de indivíduos com TEA que venham apresentar disfunções na fala, facilitando desta forma, o processo de inclusão escolar. Neste sentido, vale ressaltar que a Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) tem papel fundamental no processo de

inclusão de alunos sem fala funcional, facilitando a comunicação com seus interlocutores e auxiliando o desenvolvimento da linguagem.

Cada ser carrega consigo experiências e habilidades diferentes que são levadas para o processo de alfabetização e letramento e alguns precisam de estímulos e auxílios diferenciados. Entretanto, percebe-se que a legislação, as políticas públicas brasileiras e os discursos inclusivos que permeiam os meios escolares ainda são muito ineficientes e não garantem na prática a assistência adequada ao aluno autista. Já a Pedagogia Waldorf carrega uma prática diferenciada e permite que a inclusão de fato aconteça, pois, a criança não é forçada a alfabetização, não existe “pular etapa”, são 7 anos com atividades de autoconhecimento e ludicidade que contribuem positivamente para o aprendizado da criança autista. Além disso, o trabalho em épocas possibilita a abordagem profunda de cada conteúdo, respeitando o tempo de cada criança, de acordo com as descobertas e com o caminho que está sendo traçado. Outro ponto positivo na Pedagogia Waldorf é a continuidade do processo de ensino-aprendizagem, em que o professor de classe tem a oportunidade de acompanhar por oito anos os alunos, e estes o recebem-no como uma autoridade amada.

Dessa forma, possibilita-se conhecer cada aluno em sua individualidade, podendo flexibilizar/adequar/adaptar os conteúdos de modo que atenda às especificidades de cada aluno. Coadunando com esses resultados, Garcia (2015, p. 96), evidencia que na Pedagogia Waldorf, valoriza-se:

- Integração social e cooperação
- Integração de escola e família
- Infância saudável
- Alegria e responsabilidade nos processos de aprendizagem
- Excelência intelectual, imaginação, criatividade, cultivo da memória, habilidades em resolução de problemas
- Arte e movimento como meios de exercitar capacidades e como elementos que permeiam todo o processo de aprendizagem
- Currículo que propicia um desenvolvimento adequado a cada faixa etária nos âmbitos físico, emocional e cognitivo.
- Professores em permanente processo de autoeducação: além da formação acadêmica os professores passam por uma formação específica em Pedagogia Waldorf.

O presente trabalho evidenciou o quanto o aspecto emocional das crianças interfere nas atividades acadêmicas. A todo momento são trabalhados aspectos

referentes a formação do corpo físico, etérico e astral, bem como a descoberta e valorização do “Eu superior”. Observou-se durante a pesquisa, que as práticas adotadas pela Pedagogia Waldorf corroboram para a formação de aspectos cognitivos, físicos e socioemocionais, por intermédio das artes, plásticas e musicais, envolve os alunos para um processo de ensino-aprendizagem salutar. Neste sentido, a pedagogia Waldorf realmente se configura como um caminho inclusivo e transformador.

A Pedagogia Waldorf contribui sobremaneira no atendimento a diversidade e na valorização das diferenças. Em um trabalho apresentado por Laura Meira Garciapautouse na abordagem de pesquisa quanti-qualitativa por meio de observação da prática pedagógica em uma sala de aula do Ensino Fundamental em que estava presente um aluno público alvo da Educação Especial. O trabalho destaca os princípios fundamentais da Pedagogia Waldorf bem como a função do professor.

A relação da Pedagogia Waldorf e a inclusão vem de longa data, desde que Steiner<sup>3</sup>(Criador da Pedagogia Waldorf) fora incumbido da educação de uma criança deficiente com diagnóstico de hidrocefalia. Em sua autobiografia Steiner relata:

[...] essa tarefa pedagógica se tornou, para mim, uma rica fonte de aprendizado. A didática que eu tinha de aplicar me abriu uma perspectiva da relação entre o anímico-espiritual e o corpóreo no homem. Ali eu fiz meu verdadeiro estudo de Fisiologia e Psicologia. Percebi como educação e ensino tem de tornar-se uma arte baseada em real conhecimento do homem (STEINER, 2006, p. 95).

Steiner deu início também à “Pedagogia Curativa”, que, com base na Pedagogia Waldorf, era possível ensinar crianças com deficiências. Steiner nunca definiu quais crianças deveriam frequentar a escola Waldorf e quais deveriam ter aulas em uma instituição de pedagogia curativa. A inclusão dependia, na verdade, das capacidades do professor, uma vez que, segundo Maschke (2008 *apud* KASCHUBOWSKI, 2009, p. 16) a aula independe das capacidades dos alunos, mas sim das habilidades do professor. Sendo que este a partir de um trabalho terapêutico-pedagógico correto, pode, segundo Steiner curar muitos problemas de comportamento, distúrbios e até mesmo doenças (BARTH, 2008, p. 2). Assim, Denger (2009, p. 12) e Lanz (2013, p. 94) explicam que a escola Waldorf foi idealizada para receber todas as crianças, sem julgá-las, tendo recebido crianças e jovens deficientes desde seu início, e oferecendo atividades complementares que possibilitassem que todos acompanhassem o desenvolvimento da

---

<sup>3</sup> Rudolf Steiner (1861-1925) foi filósofo, educador e artista. Criou uma linha de pensamento que enxerga o homem além do material e deu a esse olhar o nome de Antroposofia, que prega o conhecimento do ser humano aliando fé e ciência, ou seja, a teoria de Steiner ressalta uma cosmovisão espiritualista baseada em um enfoque científico, estendendo a ciência tradicional para incluir a investigação do supra-sensorial.

turma. Um exemplo disso é a escola Waldorf escocesa Saint John, vizinha de uma Instituição que tratava de pessoas com deficiência, que em 1939 já realizava o ensino juntamente de crianças com e sem deficiência (KULLAK-UBLICK, 2011, p. 7).

A Pedagogia Waldorf é realizada a partir da vontade da criança, do ser humano, oferecendo possibilidades metodológicas e conceituais para que a integração se realize, isso acontece de duas formas: Na atenção as “leis” de desenvolvimento da criança, e na conciliação da aula com as necessidades individuais da criança. Na pesquisa desenvolvida pela autora, percebeu-se no caso observado que o aluno público alvo da Educação Especial não gostava de escrever ou copiar da lousa, ele reclamava que isso demandava muito esforço e que sua mão “doía” quando o fazia, porém, ele domina já as letras. Além disso, o aluno apresentava outras dificuldades inerentes ao TEA. Entretanto, Pedagogia Waldorf trabalha amplamente as questões do ser, o que contribuiu de forma significativa para o processo ensino aprendizagem do aluno. Ou seja, na linha de ensino Waldorf, há uma grande preocupação com o autodesenvolvimento, o que oportuniza as condições necessárias para a inclusão pedagógica, bem como nas relações sociais.

Em 2007, Sarai Sánchez de León Fernández, estava prestes a se formar como psicóloga na Universidade de Granada, Espanha, quando começou sua caminhada dentro do universo da educação de pessoas com deficiência. A pesquisadora relata que seus alunos (professores) chegam à sala de aula em estado de sofrimento, pois admitem não saber de que forma poderiam educar alunos com deficiência dentro da sala de aula. A partir dessa encruzilhada, é que emerge a presente pesquisa. A autora descreve os princípios e fundamentos básicos da Antroposofia e do método de ensino Waldorf criado por Rudolf Steiner e destaca:

Sem dúvida, o coração da pedagogia Waldorf poderia ser sua concepção de liberdade. A missão do professor consiste em não tocar o “eu” do aluno, mas, sim, contribuir para que seu instrumento (o corpo e a alma) forme-se, de modo que, chegado o momento, a individualidade (o espírito) possa dispor livremente do instrumento. É por esse motivo que, pela responsabilidade que o professor Waldorf tem sobre o desenvolvimento da criança, a formação em Waldorf é contínua e a autoeducação do professor necessária”. (FERNÁNDEZ, 2019, p.36).

As escolas Waldorf crescem em número num contexto internacional. Segundo a *Waldorf World List*(2018), gradativamente, existem no mundo mais escolas Waldorf de Educação Infantil, seguidas de escolas de Ensino Fundamental, e, em menor número, escolas que ofertam Ensino Médio. Então, no ano 2018, temos 1817 escolas de

Educação Infantil e 1149 que oferecem Ensino Fundamental ou Ensino Médio no mundo.

No Brasil, existem 85 escolas. Na Região Sul, encontram-se vinte dessas Escolas. Algumas dessas escolas são afiliadas à Federação Brasileira de Escolas Waldorf e outras estão em processo de filiação. Cada escola, com suas características individuais, atende a alunos de diversas faixas etárias, na sua minoria, atende a alunos de idades correspondentes a Ensino Médio. Na Espanha, atualmente existem 25 escolas Waldorf em todo o país, a maioria encontra-se na capital Madrid ou em Barcelona. Na Região Sul, existem atualmente duas escolas em funcionamento, ambas de Educação Infantil.

Dentre as escolas que se submeteram à pesquisa, vale destacar a escola Escola WB (Nome fictício) em Florianópolis – SC. A escola WB, criada em 1980, recebe crianças de dois a 15 anos de idade e oferece Educação Infantil e Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano. É uma escola grande com 421 alunos matriculados no ano de 2018. A organização da escola baseia-se na autogestão e fundamenta-se nos princípios da trimembração do organismo social, propostos por Rudolf Steiner. A Associação PM é a instância jurídica mantenedora da Escola WB. A escola não recebe subsídios do governo e depende exclusivamente da contribuição dos pais e de doadores. As mensalidades cobrem os salários de professores e funcionários e as despesas diversas.

O currículo dessa escola é abrangente. O ensino da língua portuguesa, inglesa e alemã aprofunda-se na cultura, literatura e teatro de seus povos. Disciplinas como matemática, geometria e álgebra são compreendidas à luz da história, assim como são relacionadas com a experiência real e cotidiana dos alunos. O ensino de ciências inclui conhecimentos de zoologia, antropologia, botânica, mineralogia, astronomia, química e física. Todas essas disciplinas são apresentadas em sua relação com o homem e a natureza. As experiências práticas solidificam o aprendizado. Artes, música e teatro também são disciplinas que vão muito além do enriquecimento espiritual dos alunos. O currículo prevê também jardinagem e agricultura orgânica.

A avaliação qualitativa em oposição à classificatória é defendida em todas as escolas Waldorf participantes. Os registros dos professores e os boletins anuais são qualitativos. O sistema de avaliação qualitativo auxilia na construção de um espaço educativo inclusivo, ultrapassando as limitações do sistema classificatório próprio das escolas transmissivas. As escolas Waldorf também trabalham sob a linha da avaliação ipsativa (termo utilizado em documentos das escolas espanholas), que valoriza o aluno

em relação a seu próprio ponto de partida. Essa individualização destaca-se em todas as escolas Waldorf participantes, em que cada aluno é avaliado em relação à sua própria comparação e seu desenvolvimento, evitando comparações entre alunos.

A pesquisadora destaca que a intenção da pesquisa era chamar a atenção dos profissionais da educação para novos caminhos e propostas que detêm um importante peso na história, mas que ainda não são tão conhecidas. Entretanto, ela destaca que cada escola Waldorf, a fez sair da zona de conforto, pois é de fato uma realidade educacional completamente diferente da que conhecemos.

A pesquisa traz uma informação importante envolvendo o questionamento sobre as escolas Waldorf e a inclusão. Certamente, Steiner não concebeu sua pedagogia com esta proposta específica. Nas visitas às escolas Waldorf na Espanha, evidencia-se que essas escolas não contemplam a visão da educação inclusiva como acontece no Brasil. Resulta em um paradoxo e um desvio de caminho durante a pesquisa, comprovar que, apesar de ter como objetivo analisar de que forma o sistema de avaliação das escolas Waldorf poderia contribuir com a construção de espaços educativos inclusivos, as próprias escolas Waldorf têm uma proposta diferente para a educação de crianças com deficiência dentro das escolas regulares: A pedagogia terapêutica. As escolas Waldorf visitadas na Espanha acreditam na necessidade de convívio de todo tipo de crianças, mas em momentos de recriação coletiva. Porém o ensino ocorre em sala especial onde acontece a abordagem pela perspectiva da pedagogia terapêutica.

O estudo é desenvolvido em seis momentos: O primeiro, mostra um breve histórico da legislação inclusiva; o segundo aborda a maneira como é realizada a inclusão na sala regular da Educação Infantil; o terceiro momento apresenta o histórico e princípios norteadores da Pedagogia Waldorf, bem como assuntos relacionados à inclusão no contexto Waldorf.

Os tópicos destacam a importância do olhar individualizado do educador, instigando a melhora na sua prática pedagógica a fim de satisfazer as necessidades educacionais especiais dos alunos.

A Pedagogia Waldorf acredita que a atenção e um direcionamento pedagógico correto faz com que qualquer pessoa, com ou sem deficiência se desenvolva de forma integral. Nesse sentido é possível perceber que a Pedagogia Waldorf não só proporciona um ambiente inclusivo, como também favorece o respeito a diferença, além disso expressa a importância das relações sociais, bem como, a relação professor-aluno, que proporciona segurança na construção de conhecimento, paralelamente a isso, ressalta

também a importância da participação da família, junto a escola como agente facilitador para que ocorra o processo de inclusão.

Enquanto o modelo tradicional de ensino apresenta traços de segregação, a Pedagogia Waldorf, (apesar da ausência de documentos que atestem a inclusão), se aproxima mais dos ideais inclusivos, pois prima o respeito às fases do desenvolvimento e faz com que a criança não seja pressionada a aprender antes da hora e “pular etapa”. Diante do exposto, é pertinente dizer que o método Waldorf contribui sobremaneira para a educação.

Para Luckesi (2000, 2005a, b), a ludicidade é um estado interno em que o indivíduo vivencia uma experiência de forma plena como a máxima expressão possível da não divisão entre pensar, sentir e fazer. De acordo com o autor, embora os jogos e brincadeiras remetam a ideia de ludicidade, esses não são as únicas atividades que define o estado lúdico. Luckesi destaca:

[...] o que a ludicidade traz de novo é o fato de que o ser humano, quando age ludicamente, vivencia uma experiência plena. [...] Enquanto estamos participando verdadeiramente de uma atividade lúdica, não há lugar, na nossa experiência, para qualquer outra coisa além desta atividade. Não há divisão. Estamos inteiros, plenos, flexíveis, alegres, saudáveis. [...] Brincar, jogar, agir ludicamente exige uma entrega total do ser humano, corpo e mente ao mesmo tempo. (LUCKESI, 2000, p. 21).

Neri (2018) faz um paralelo entre a forma equivocada que os meios educacionais convencionais abordam a ludicidade e a possibilidade de reorientação da prática pedagógica para o desenvolvimento global dos educandos no contexto da Pedagogia Waldorf.

Segundo a Antroposofia, o ser humano é uma entidade constituída de corpo, alma e espírito – aos quais estão relacionadas, respectivamente, as faculdades do fazer, do sentir e do pensar e aquisição dessas faculdades seguem uma progressão dividida em ciclos de sete anos, denominados “setênios”.

O presente artigo traz, portanto, uma ideia que interage positivamente com o TEA, que é a abordagem lúdica dentro da Pedagogia Waldoff. Quando se fala em TEA é necessário compreender a necessidade que, principalmente a criança com TEA tem de explorar situações que proporcionem a lucidade. E quando isso acontece dentro do contexto Waldorf, os benefícios são maiores, pois as etapas denominadas setênios, proporcionam maior tempo para o desenvolvimento integral do aluno com TEA.

A Pedagogia Waldorf demonstra grande capacidade em oferecer uma educação lúdica, superando o reducionismo e a fragmentação típicos da tradição epistemológica moderna e, deste modo, apresentando-se consoante com os pressupostos que norteiam a proposta educacional voltada para o século XXI.

## 5. Considerações finais

Uma inquietação pode gerar bons frutos. Seria legal se as nossas inquietações não surgissem apenas de coisas que “doem na pele”. O amor eu já tinha, mas a busca por soluções alternativas somente se deu por causa do TEA em minha vida. E nessa busca, eu encontrei a Pedagogia Waldorf, que apesar de pouco conhecida, é uma linha de pensamento perfeitamente humana. Assim como Rudolf Steiner, eu também acredito que independentemente de qualquer coisa, as pessoas podem se desenvolver, mas, obviamente, cada um vai desenvolver habilidades que são do seu interesse.

A Pedagogia Waldorf se mostra altamente benéfica para alunos com TEA, pois nessa abordagem a criança tem tempo para evoluir, não acontece uma “inclusão” forçada onde a criança tem que se encaixar em um monte de padrões para ser igual aos outros. Não precisamos fazer uma análise profunda para perceber o quanto a inclusão de alunos com TEA é falha nas escolas tradicionais.

Em pesquisa apresentada ao jornal “O tempo”, especialistas apontam que em cada 10 brasileiros estão infelizes e insatisfeitos com o trabalho. Já em outra pesquisa sobre depressão, a revista “Veja” destaca que por diversos motivos, a depressão atinge 5,8% da população brasileira – taxa que está acima da média global (4,4%). Ou seja, tem algo muito errado com as pessoas “normais” que “fizeram a coisa certa”. Sabe-se que a depressão é desencadeada diversos fatores. Considerando apenas as causas externas, pode-se inferir que faltas e excessos contribuem igualmente para a doença e que o resultado é o sofrimento. Ou seja, nossos hábitos e rotinas estão nos deixando doente. E o pior de tudo é que achamos que estamos no controle e assim, queremos doutrinar nossos filhos, amigos, alunos, etc.

Diante do exposto, fica uma indagação: Por que um aluno com TEA tem que frequentar a escola, interagir e fazer tudo que uma pessoa “normal”<sup>4</sup> faz? E digo “normal” por força de expressão, porque existe uma construção social que determina o

---

<sup>4</sup> A expressão “normal” refere-se a um enquadramento social que classifica as pessoas em grupos de “normais” e “anormais”. E apesar de estar caindo em desuso, maior parte da população leiga ainda utiliza deste termo sem intenção discriminatória.

que é normal e anormal. Por mais que esta expressão esteja caindo em desuso, a verdade é que pouco importa as palavras quando as atitudes mostram que existe sim uma construção que difere as pessoas. E com toda certeza, não é adotando novas maneiras de falar que as crenças, os preconceitos e os paradigmas vão deixar de existir. E digo mais, será que faz sentido “incluir” um aluno com TEA em um contexto em que muitos parecem estar sofrendo?

É neste sentido que a Pedagogia Waldorf vem nos salvar! Nas escolas Waldorf, existe a preocupação com o ser humano e com as suas necessidades básicas, que por sinal são diferentes para cada indivíduo. A visão antropológica vê o homem como um conjunto harmônico que abrange as dimensões física, anímica e espiritual e essa visão é que dá a amplitude necessária ao verdadeiro processo educacional. Para a construção de um ambiente inclusivo é preciso considerar e respeitar todos os aspectos da vida humana compreendendo que não existe certo ou errado quando as possibilidades são infinitas.

## 6. Referências

SHIBUKAWA, Priscila Hikaru. Vestindo os óculos da Pedagogia Waldorf: Inclusão, alfabetização e Transtorno do Espectro Autista. Dissertação de mestrado - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/192144>>. Acesso em: 10 jun. 2021>.

GARCIA, Laura Meira. As contribuições da Pedagogia Waldorf no atendimento a diversidade e na valorização das diferenças. 2015. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/139075>>. Acesso em: 10 jun. 2021>.

FERNÁNDEZ, Sarai Sánchez de León. Concepção de avaliação da Pedagogia Waldorf: Contribuições para a construção de espaços inclusivos. Dissertação de Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/11338/5132>>. Acesso em 10 jun. 2021.

NERI<sup>1</sup>, Beatriz Martins; COELHO<sup>2</sup>, Irene da Silva. A inclusão na pedagogia Waldorf. Unisanta – Humanitas 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unisanta.br/index.php/hum/article/view/1683>>. Acesso: 10 jun. 2021.

SILVA, Dulciene Anjos de Andrade. Educação e ludicidade: Um diálogo com a Pedagogia Waldorf: Artigo científico 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/9BdKCJfZZFSM9KkkwTFc6yD/?lang=pt> >. Acesso em 10 jun. 2021.